



AO DOMINGO

Acredita nas metas para a legislatura que o Governo leva a Bruxelas?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

Concordo com António Costa quando diz que precisamos de estabilidade. O primeiro-ministro disse que não sendo possível dar sempre boas notícias, já é bom não dar notícias más. Também neste ponto concordo. O que se tem passado no Mundo e no nosso mundo nos últimos anos tem-nos feito estar sempre alerta, à espera da próxima mudança. A crise não passa, as condições de vida de muitos estão sempre a piorar, o país aparece pintado em escala de cinzentos. Falta-nos confiança recíproca e a atualidade não ajuda a construí-la: o terrorismo global, os "Pápéis do Panamá", as promessas não cumpridas, as notícias de disfuncionalidades várias que atravessam a sociedade e abrem os telejornais. Para colocar os níveis de confiança pelo menos no mínimo necessário para não desistir de tudo, como cantava Luiz Goes, "é preciso acreditar". ●●



Sebastião Fayo de Azevedo
Reitor
da Universidade
do Porto

As metas são atingíveis na medida em que o Governo seja capaz de tomar medidas que me parece não estarem propriamente no acordo multilateral de governação, e que efetivamente já está a começar a tomar. É claro que a situação é muito complexa, tanto no plano político, como na perspetiva das medidas mais técnicas de controlo de metas, principalmente do deficit e do crescimento. A nível político, o Plano Nacional de Reformas e o Programa de Estabilidade para 2016-2020 esta semana divulgados, estão já, objetivamente, a servir de teste da 'coligação', particularmente em relação a medidas para o setor público. Descendo ao nível mais técnico, escapa-me naturalmente o detalhe, mas noto a convergência de pareceres de especialistas relativamente à necessidade de aumentar receita pelo lado dos impostos, como me preocupa bastante a situação muito confusa na área financeira, sem controlo político à vista. É possível, tem que ser possível, mas vamos precisar de muita determinação. ●●